

MEMÓRIA DE S. BENTO – O CHUMBO DO PEC IV

...o povo, muitas vezes, enganado por uma falsa imagem de bem, ambiciona algo que irá provocar a sua própria ruína. E se não lhe for mostrado com clareza o que é mau e o que é bom, por alguém em quem tenha confiança, fica a república exposta a infinitos perigos e danos. E, quando o destino faz com que o povo não tenha fé em ninguém, como por vezes acontece, por ter sido enganado no passado – pelas circunstâncias ou pelos homens –, é inevitável a ruína. Diz Dante, a este propósito, na sua obra *De Monarchia*¹, que o povo grita muitas vezes *Viva a nossa morte!* e *Morra a nossa vida!*²

Esta passagem do capítulo LIII (1.º Livro) de *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, de Maquiavel, transporta-nos até às margens da fragilidade das repúblicas e aos equívocos que mesmo os regimes mais democráticos não logram evitar. Neste apontamento de História que me proponho partilhar convosco, pretendo sublinhar a importância da memória construtiva, numa era em que o excesso de informação disponível tende a produzir uma espessa cortina de fumo que não só nos inibe de ver como parece ter poderes geradores de preocupante amnésia.

Deixo-vos, assim, com os extractos que entendi seleccionar do *Diário da Assembleia da República*, I Série, n.º 064, de 24-03-2011. É neste número que se encontra registado, de forma inegavelmente impressionante, o debate que antecedeu a votação que impediu a aprovação do Plano de Estabilidade e Crescimento n.º IV (PEC IV), conduzindo à queda do XVIII Governo Constitucional. No final do texto, encontrarão o *link* que permite o acesso à versão integral do debate.

DEBATE SOBRE O PEC IV

23 de Março de 2011

O Sr. **Luís Montenegro** (PSD):

Ora, este novo PEC é a imagem mais fidedigna do falhanço clamoroso do Governo. O Governo instalou em Portugal a desgraçada situação social e económica em que nos encontramos e não consegue, de forma nenhuma, ultrapassá-la. Com este PEC, o Governo ilustra toda a sua insensibilidade social: castiga as pessoas, castiga as famílias e castiga as empresas portuguesas, sem qualquer esperança no futuro!

O Governo perdeu a confiança dos portugueses e, sem confiança, o Governo está ferido de morte!

[...]

Os resultados estão à vista: o Partido Socialista governou 13 dos últimos 16 anos em Portugal. O Governo, que nos trouxe para esta crise, não é, definitivamente, parte da solução!

¹ Maquiavel equivoca-se na indicação da obra. As passagens a seguir referidas são, efectivamente, de Dante Alighieri, mas *Do Convívio*, não *Da Monarquia*.

² MAQUIAVEL, Nicolau, *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, Edições Sílabo, Lisboa, 2010, pp. 139-140.

Portugal precisa de cumprir os seus objectivos orçamentais, mas o caminho passa por ter coragem de cortar mais na máquina do Estado e não por impor mais sacrifícios inúteis aos portugueses!

[...]

O Sr. Ministro de Estado e das Finanças:

Os senhores estão aqui a criticar as medidas que o Governo está a propor, exigindo sacrifícios aos portugueses — é verdade! —, mas os senhores estão a esconder aquilo que vos vai na mente, aquilo que pretendem fazer!

O Sr. Miguel Macedo (PSD): — Esse discurso mete dó!

O Sr. Ministro de Estado e das Finanças: — Sr. Deputado, repito: falar verdade é dizer tudo, não é esconder, não é evitar dizer!

[...]

O Sr. Presidente: — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra a Sr.ª Deputada Assunção Cristas.

A Sr.ª Assunção Cristas (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr. Ministro de Estado e das Finanças, como bem sabe, o CDS recusou o PEC 1, o PEC 2, o PEC 3, e recusou-os sempre pela mesma razão: o Governo esqueceu a economia, demonstrou uma profunda insensibilidade social e familiar e os sacrifícios foram sempre mais fortes para as pessoas e para as empresas do que os cortes dentro do próprio Estado!

Aplausos do CDS-PP.

Os PEC até poderiam ser de estabilidade, mas nunca foram de crescimento, como a realidade infelizmente tão bem demonstrou.

[...]

A Sr.ª Assunção Cristas (CDS-PP): — Pediu muito mais aos contribuintes e muito pouco ao Estado. Ao mesmo tempo, o Governo continua a insistir que faz mais cortes na despesa do Estado do que aumenta a receita. Mas o que o Governo faz é omitir um aspecto muito relevante: é que a parte maior desses cortes é em salários, em pensões e em prestações sociais.

[...]

A Sr.ª Manuela Ferreira Leite (PSD): — Chegados a este ponto, em que foram desbaratados todos os factores de confiança que podiam existir, o problema que agora se coloca ao País, e que hoje se discute, já não é ao nível das medidas em concreto, se elas são boas ou más, se são correctas ou incorrectas, se são ou não necessárias.

Aplausos do PSD.

O problema que se põe a este Parlamento, com uma clareza gritante, é ao nível de quem as propõe e de quem se responsabiliza por elas.

O Sr. Miguel Macedo (PSD):

Sr. Presidente e Srs. Deputados, há três razões que levam o PSD a chumbar este PEC 4: a primeira é uma razão de credibilidade; depois, um dever de seriedade; e, finalmente, uma exigência de futuro.

Em primeiro lugar, a credibilidade. O Governo fez aprovar, em Dezembro, o seu Orçamento para 2011 e inscreveu aí as suas posições macroeconómicas. Dois meses e meio depois, muda tudo o que é essencial: a previsão do crescimento, do desemprego, da inflação, e por aí fora.

Pergunta-se: que credibilidade tem um Governo que em dois meses e meio altera tudo quanto é essencial?

Que credibilidade tem um Governo que, em Dezembro, faz aprovar um Orçamento e, em Março, já precisa de medidas adicionais para o cumprir? Que credibilidade e confiança dá aos mercados, às instituições, aos investidores e às pessoas um Governo que falha permanentemente nas suas previsões e nos seus objectivos?

[...]

É preciso cortar, mas cortar de forma estrutural, e não conjuntural. Cortar nos salários e nas pensões ajuda a reduzir o défice, mas é uma ajuda conjuntural, porque estruturalmente nada muda — nem o tamanho, nem a dimensão, nem a estrutura gigantesca do Estado. Ora, do que precisamos é de mudar estruturalmente a face do Estado, tornando-o mais pequeno, menos gastador e menos consumidor de impostos. Esta tem de ser uma grande prioridade para o futuro.

Aplausos do PSD.

Protestos do PS.

Nada disto é novidade para a bancada do PS, eu sei!... Novidade seria que os senhores fizessem aquilo que deveriam fazer.

Protestos do PS.

É preciso cortar, mas cortar com sensibilidade social. Um Governo que corta e congela pensões de reforma...

O Sr. Bernardino Soares (PCP): — E o PSD?

O Sr. Miguel Macedo (PSD): — ... em vez de cortar a sério nos subsídios do Estado para empresas públicas, nas mordomas do Estado e dos seus gestores, nas «gorduras» do Estado e das suas estruturas, é um Governo sem sensibilidade e sem consciência social!

<http://app.parlamento.pt/darpages/dardoc.aspx?doc=6148523063446f764c324679626d56304c334e706447567a4c31684a544556484c305242556b6b76524546535355467963585670646d38764d734b714a5449775532567a63384f6a627955794d45786c5a326c7a6247463061585a684c3052425569314a4c5441324e7935775a47593d&nome=DAR-I-067.pdf>

David Martelo

26 de Dezembro de 2013